

DIGITAL

**sem
mais**

**Somos informação
segura e confirmada.
OBRIGADO PELA CONFIANÇA**



+ Região

Diretor
Raul Tavares

Semanário
Região de Setúbal

Edição n.º 1101
9.ª série

DISTRIBUÍDO COM O
Expresso

Sábado
24 outubro
2020

semmais

Alarme Covid em 17 escolas do distrito

■ Polícias e carteiros da região nunca foram testados

Estão identificadas infeções em escolas de Setúbal, Almada, Palmela, Sesimbra e Seixal. No total são dezassete estabelecimentos com registos da doença, em professores, funcionários e alunos, mas há mais casos não divulgados. Entretanto, outros dois setores afetados são as polícias e os funcionários dos CTT, que no distrito nunca foram testados.

Págs. 5 e 6



Vítor Proença, em entrevista, dá força ao investimento em Alcácer

O presidente da câmara de Alcácer lembra o forte investimento que está a chegar ao concelho, mesmo em tempos de pandemia, mas mostra-se preocupado com a questão da água, que pode afetar a produção de arroz, ex-libris da economia local.

Págs. 8 e 9

Depressão Bárbara testou Proteção Civil

Foram mais de 800 ocorrências no distrito, mas a Proteção Civil conseguiu minimizar os riscos. E diz-se preparada para situações idênticas, embora as preocupações incidam sobre as bacias do Tejo e do Sado, e frente marítima da Costa da Caparica.

Pág. 2

BACIAS DO TEJO E DO SADO E COSTA DA CAPARICA SÃO ZONAS MAIS SENSÍVEIS

Depressão Bárbara pôs à prova Proteção Civil da região

Comandante distrital de Proteção Civil entende que a boa ligação entre todas as entidades que integram os serviços minimiza os riscos. Depressão Bárbara serviu para afinar o dispositivo. Região contou com mais de 800 operações.

TEXTO JOSÉ BENTO AMARO
IMAGEM DR

OSSERVIÇOS de proteção civil do distrito de Setúbal estão aptos a darem resposta positiva em caso de emergência. Esta é a convicção das chefias que, no entanto, alertam para o facto de o território ser vasto e, sobretudo, possuir áreas muito diferenciadas e de complexidade, como sejam as zonas ribeirinhas do Tejo ou a vila da Costa da Caparica, edificada abaixo do nível do mar.

O comandante distrital dos serviços de Proteção Civil, Elísio Gouveia, diz que as zonas “teoricamente mais vulneráveis” são as ribeirinhas, as bacias hidrográficas, nomeadamente as das localidades junto ao rio Tejo, mas também uma área de Alcácer do Sal, nas margens do Sado. “São locais que podem ser mais problemáticos, sobretudo se à chuva intensa se juntar a preia-mar, são suscetíveis de serem inundados”, referiu ao Semmais.

Depois, na orla costeira, a Costa da Caparica surge como outra das zonas onde é



Depressão Bárbara provocou o corte de electricidade a 300 pessoas

sempre necessário estar atento. “Os sistemas de alerta são ativados de acordo com as previsões meteorológicas. É nessa ocasião que mobilizam todos os serviços de segurança e socorro e que se procura afinar a colaboração entre todos. A época das

marés vivas costuma ser a mais complicada, mas nessa ocasião há que contar com um vasto conjunto de contributos, onde se incluem, também, os da Agência Portuguesa do Ambiente e da Autoridade Marítima”, adiantou o mesmo responsável.

EFICÁCIA DO SOCORRO IMPLICA COORDENAÇÃO MULTIDISCIPLINAR

Elísio Gouveia, considera que tão importante quanto ter meios humanos e materiais que possam ser utilizados em caso de emergência, é conseguir ter uma coordenação eficaz entre as inúmeras entidades que constituem os serviços. “Não são apenas os bombeiros ou as forças de segurança e as equipas de saúde. Existe um conjunto de serviços e pessoas que, não sendo visíveis em muitas ocasiões, são fundamentais para que a prestação de socorro seja efetiva e eficiente”, disse.

O comandante distrital deu depois um exemplo recente da colaboração que entende ser necessária. “Com a depressão Bárbara houve cerca de 300 pessoas que, a determinado momento, ficaram sem

fornecimento de energia elétrica. Foi uma situação que não demorou muito tempo a ser reparada, mas que só foi possível porque, neste caso, existiu uma boa articulação com os serviços da EDP. Noutros casos a colaboração é extensiva a um imenso naipe de serviços ou empresas, seja para questões de reposição de bens, para limpeza e higiene das redes viárias, etc”, avançou.

A depressão Bárbara é, de resto, um bom exemplo sobre a imprevisibilidade subjacente à intervenção dos serviços de proteção civil. Elísio Gouveia afirma que, por norma, fenómenos atmosféricos mais fortes, costumam fazer-se sentir-se com maior intensidade na parte Norte do distrito. Desta vez tal não aconteceu, tendo o mau tempo incidido, sobretudo entre Setúbal e Alcácer do Sal. “Registaram-se, talvez, mais de 800 operações e, apesar de haver estradas inundadas, árvores caídas e danos em viaturas, a colaboração entre todas as entidades permitiu que o socorro fosse prestado de modo rápido e eficiente”, concluiu. ■

7 DIAS

LIGAÇÃO FLUVIAL SEIXAL – LISBOA SUSPensa A PARTIR DE SEGUNDA-FEIRA

Durante 45 dias a ligação fluvial entre o Seixal e Lisboa será suspensa, devido a obras de melhoramento. A Transtejo diz assegurar o transporte até ao terminal de Almada e que o título de transporte da ligação do Seixal passa a estar válido na ligação rodoviária e em todos os terminais fluviais da empresa (Almada e Montijo) e da Softusa (Barreiro).

TRABALHADORES DA HANON SYSTEMS DE PALMELA EM GREVE

Os funcionários da fábrica de equipamento de refrigeração e ventilação acusam a administração da empresa de não ter procedido a qualquer atualização salarial este ano, e de não dar reposta ao caderno reivindicativo que apresentaram. Segundo a União de Sindicatos de Setúbal, aderiram à greve de sexta-feira cerca de 70% dos trabalhadores.

IPS LANÇA MESTRADO PIONEIRO NA ÁREA DA LOGÍSTICA

Trata-se de um curso pioneiro em Portugal por ser de apenas um ano (60 créditos ECTS) e

por oferecer uma combinação das aprendizagens no contexto académico e profissional. Dividido em quatro trimestres, destina-se aos profissionais com, no mínimo, cinco anos de experiência comprovada.

PORTO DE SETÚBAL SOMA E SEGUE NA CONTENTORIZAÇÃO

A plataforma portuária atingiu, pelo sexto mês consecutivo,

resultados positivos no segmento de contentores. Nos primeiros oito meses deste ano, foi registado um volume total de 1,8 milhões de TEU.

PJ FAZ BUSCAS NO PROCESSO AEROPORTO DO MONTIJO

A judiciária está a investigar alegados crimes de falsificação de documentos, abuso de poder

e corrupção no processo que levou à emissão da Declaração de Impacte Ambiental relativamente ao aeroporto do Montijo. Segundo foi noticiado, foram efetuadas buscas na Agência Portuguesa do Ambiente, Instituto da Conservação da Natureza e gabinetes de advogados.

SIMARSUL REABILITA INFRAESTRUTURAS NO SEIXAL, PALMELA E MOITA

Em causa estão intervenções na estação elevatória de Santa Marta de Corroios, ETAR da Lagoinha e Sistema de Gradagem da EE4 Vinha das Pedras e EE Fonte da Prata. O volume de investimento é grande, superior a um milhão de euros, mas as obras são consideradas prioritárias para manter os vários sistemas e subsistemas a funcionar em pleno. Estão previstas de reabilitação de equipamentos, renovação de instalações elétricas e obras de construção civil.



Na antiga Moderna vai ‘nascer’ o maior projeto residencial de Setúbal

O Vitória Residence, que resulta da reconversão e ampliação da antiga Universidade Moderna de Setúbal, representa um investimento de 11 milhões de euros. Composto por 64 apartamentos, sendo cinco de tipologia T0, 50 de tipologia T1 e 9 de tipologia T2, afirma-se como um condomínio exclusivo na cidade sadina.

101,5
milhões de euros é o orçamento municipal aprovado pela câmara do Seixal para 2021, um valor inferior ao deste ano.



“Em matéria de transparência não temos quaisquer lições a receber do PS”

MARIA DAS DORES MEIRA
PRESIDENTE DA CÂMARA DE SETÚBAL

Sobre obras na antiga estação rodoviária em Vila Fresca de Azeitão

APA PREVÊ NOVA REPOSIÇÃO DE AREIAS NA COSTA APENAS EM 2023

Perdas rondam os 30 % por ano

Apesar de haver perdas em algumas praias, tal facto, segundo a APA, é considerado normal e não coloca em risco as edificações ou outras estruturas.

TEXTO JOSÉ BENTO AMARO IMAGEM DR

NÃO ESTÁ PREVISTA para este ano nenhuma reposição de areia nas praias da Costa da Caparica. De acordo com a Agência Portuguesa do Ambiente (APA) as perdas de areal rondam os 25 a 30 por cento relativamente ao último enchimento, valores que são considerados normais e que, dizem os peritos, não colocam em causa a segurança de imóveis ou outros bens na linha de costa.

Segundo os dados solicitados pelo Semmais à APA, são efetuados “trimestralmente perfis de praia em 14 locais entre o extremo Norte de São João da Caparica e a Praia da Saúde”, assim como “anualmente é feito um voo com drone nesta área, bem como o levantamento hidrográfico dos fundos adjacentes”.

“As variações iniciais foram de maior magnitude na metade Norte das praias da frente urbana entre esporões – Nor-

te, Santo António da Caparica e C.D.S. – e mínimas no setor Sul do troço, na Nova Praia”, dizem ainda os especialistas da APA, salientando que as perdas verificadas se referem apenas à parte visível das praias, sendo certo que parte importante dos sedimentos levados pelo mar acaba por ficar na zona submersa dessas mesmas praias.

A APA afirma ainda que o último enchimento de praias na zona ocorreu em 2019, tendo na altura sido despendidos cerca de 5,8 milhões de euros para colocação de um milhão de metros cúbicos de areia em dez praias.

A mesma entidade estima que a intervenção efetuada no ano passado possa permitir ficar-se quatro a cinco anos sem ser necessário efetuar novas reposição.

Em declarações ao Semmais, também o presidente da Junta de Freguesia da



O último enchimento nas praias da Costa da Caparica foi realizado no ano passado

Costa da Caparica, José Ricardo, confirmou que não deverá ser necessária, este ano, a adoção de medidas extraordinárias de reposição do areal. “Até ao momento não temos conhecimento de nenhuma situação em que esteja em risco qualquer estrutura”, disse.

Para o presidente da associação de Apoios de Praia da Costa da Caparica,

Acácio Barradas, tanto a APA como a Câmara Municipal de Almada “têm feito uma monitorização consistente dos areais”.

O mesmo responsável diz desconhecer qualquer reclamação por parte dos concessionários, mas, no entanto, defende que a reposição de areia deveria ser efetuada de dois em dois anos. ■

Águas marítimas de Sines com alta qualidade ambiental

Não existem indicadores tóxicos no mar. Um estudo divulgado esta semana revela que também a água para consumo humano é de excelente qualidade.

TEXTO JOSÉ BENTO AMARO IMAGEM DR

NÃO EXISTE qualquer degradação da qualidade do ambiente marinho na zona de Sines, nas imediações do emissário submarino que faz as descargas da ETAR de Ribeira de Moinhos, em Santo André. As conclusões são da Entidade reguladora de Serviços de Água e Resíduos, que apontam um estudo efetuado entre 2018 e 2020.

“O meio aquático onde é efetuada a descarga proveniente da ETAR de Ribeira de Moinhos, apresenta uma elevada qualidade, não havendo qualquer indício de degradação da qualidade do ambiente marinho”, disseram ao Semmais os responsáveis da empresa Águas de Santo André, salientando também o facto de não existirem, em toda a região, quaisquer indícios de poluição acima dos limites relativamente aos efluentes ali tratados.

Segundo o relatório final que a empresa e a câmara de Sines divulgaram esta semana, “a monitorização concluiu que os resultados referentes aos contaminantes



orgânicos (fenóis, óleos e gorduras, hidrocarbonetos), aos sólidos suspensos, se encontram muito abaixo do valor limite de referência. No que respeita à avaliação de Microbiologia o valor máximo nas amostras também está muito abaixo do valor

de referência para o nível de Qualidade Excelente das Águas Balneares. O estudo conclui ainda que não existe qualquer toxicidade na água. Em resumo, não há degradação da qualidade do meio aquático, o material sedimentar foi classificado

como limpo, não houve perturbação das comunidades bentónicas, e não houve qualquer efeito adverso para as espécies estudadas provocado pelas descargas do Emissário Submarino”.

ÁGUA DA REDE ESTÁ 100 POR CENTO EM CONFORMIDADE NAS ANÁLISES

De acordo com a mesma empresa a qualidade ambiental está garantida em todo a área e, até na questão do fornecimento de água para consumo humano, os resultados são de destacar. “A água distribuída para consumo humano é de excelente qualidade, tendo obtido 100 por cento de conformidade em todas as análises realizadas na monitorização do sistema de abastecimento e na torneira do consumir”, informaram os técnicos da Águas de Santo André.

Os resultados agora anunciados mereceram também um comentário do presidente da Câmara Municipal de Sines, Nuno Mascarenhas, que salientou o investimento de 30 milhões de euros efetuado pela Águas de Santo André, destacando o esforço feito para minorar qualquer efeito ambiental nefasto.

“Dispomos também de mais informação científica, melhores tecnologias e um empenho redobrado de todos os intervenientes para que os incidentes do passado não se voltem a repetir”, adiantou o autarca, para depois salientar que “só 15% do lixo marinho chega às praias - o restante fica nos fundos ou à superfície do mar - pelo que são muito relevantes estas ações de acompanhamento, estudo e monitorização”. ■

Cuidados de saúde no vermelho em todo o distrito

Faltam médicos, enfermeiros e auxiliares. As instalações estão degradadas e as reuniões com o ministério não têm contribuído para solucionar problemas.

TEXTO JOSÉ BENTO AMARO IMAGEM DR

A GESTÃO dos recursos humanos no sistema de saúde do distrito de Setúbal está, novamente, sob as críticas de médicos e utentes. Os primeiros, por intermédio do Sindicato dos Médicos da Zona Sul (SMZS), alertam para a falta de pessoal em todos os hospitais e centros de saúde. Os segundos, através da entidade que coordena as comissões de utentes do Litoral Alentejano, enumeram um rol de carências que vão desde o pessoal, às instalações e outros equipamentos.

“A gestão do pessoal médico nos hospitais não é bem feita”. Quem o diz convictamente, ao Semmais, é Guida da Ponte, dirigente do SMZS, a qual salienta que “as decisões do órgão central não estão a ser bem tomadas, porque há limite dos recursos humanos e, para se gerir como deve ser, não basta anunciar mais camas, mas colocar nos serviços mais profissionais de saúde”.

Guida da Ponte afirma que o sindicato está atento ao crescente aumento de



casos de Covid-19 entre os médicos, enfermeiros e auxiliares. Refere, no entanto, que não são conhecidos os números. “O que sabemos é muito pouco, porque os números são mantidos no segredo dos deuses pelas administrações dos hospitais. Sabemos que existe um aumento progressivo e que a situação mais grave se regista, ao que se ouve dizer, na Unidade de Cuidados Intensivos do Hospital

Garcia de Orta”, disse. Neste hospital, no dia 16 deste mês, a administração reconheceu a existência de oito enfermeiros e dois assistentes operacionais infetados.

A mesma responsável assegura que “mesmo antes do início da pandemia já não havia médicos em quantidade suficiente e hoje, ao contrário do que diz a ministra da Saúde, não há mais gente a trabalhar”. Guida da Ponte acrescenta mesmo que “é expectável que o número de infetados entre médicos, enfermeiros e auxiliares, continue a aumentar”. “É um aumento progressivo que tem como reflexo imediato a falência da eficácia de alguns serviços, obrigando ao encaminhamento de doentes para os hospitais centrais que, por sua vez, vão perdendo a capacidade de resposta”.

UM CARDIOLOGISTA E UM UROLOGISTA PARA 100 MIL HABITANTES

Aos protestos dos médicos juntam-se os dos utentes. A Coordenadora das Co-

missões de Utentes do Litoral Alentejano, onde se incluem quatro concelhos que integram o distrito de Setúbal, diz que não só há falta de pessoal, facto que se traduz em tempos de espera muito elevados para consultas e inexistência de médicos de família em número suficiente, como são preocupantes os indícios de degradação em algumas extensões de saúde.

Dinis Silva, representante da coordenadora de utentes, disse ao Semmais que neste momento, na área do Litoral Alentejano, “apenas existe um cardiologista para cada 100 mil habitantes, um tarefeiro que vem do Hospital Santa Maria, em Lisboa, e um urologista para o mesmo número de residentes”. Afirma ainda que na região existem, atualmente, “cerca de 12.500 pessoas sem médico de família”.

Estas carências, adiantou Dinis Silva, já foram discutidas com os conselhos de administração dos hospitais e até com a ministra da Saúde, em março. “Nada se resolveu. Pelo contrário: os problemas agravaram-se porque se arrastam”, concluiu.

“Há utentes, no Hospital do Litoral Alentejano à espera de uma consulta de reumatologia há 500 dias, e outros que aguarda uma consulta de urologia ainda há mais tempo”, disse o mesmo representante.

Em relação a instalações degradadas e que, de acordo com Dinis Silva, precisam de obras imediatas, incluem-se os centros de saúde de Vila Nova de Santo André, Abela e Santiago do Cacém, todos deste concelho. ■

PUBLICIDADE

ID.3.
O primeiro Volkswagen 100% elétrico.

Conheça-o na **Caetano Drive** em Setúbal.

☎ 966 924 307

Caetano Drive - Concessionário Oficial Volkswagen | www.caetanodrive.pt

SETÚBAL - Azinhaga Cruz de Peixe 2910-741 Setúbal Tel.: 265 521 850 setubal@caetanodrive.pt



Polícias e carteiros sem testes de despistagem

Tanto na PSP como nos CTT da região há registo de vários casos positivos. Os sindicatos falam mesmo em “dezenas” de infeções e acusam as direções de não agirem preventivamente.

TEXTO FERNANDO EMMES IMAGEM DR

OS POLÍCIAS E CARTEIROS da margem Sul continuam sem fazer testes de rastreio à Covid-19. Mesmo quando são detetados casos positivos, apenas alguns elementos são submetidos à despistagem. Ao todo não é possível adiantar quantos elementos das duas profissões estão contaminados. As estruturas sindicais dizem apenas que “são muitas dezenas”.

O Semmais sabe que os casos mais recentes, detetados este mês, na PSP e

nos CTT reportam-se a um polícia da esquadra de Santa Marta de Corroios, que chegou a estar internado durante 10 dias no Hospital Curry Cabral, e a um funcionário do Centro de Distribuição Postal da Costa da Caparica, no concelho de Almada.

Contactado pelo nosso jornal, o presidente do Sindicato Nacional de Polícia (Sinapol), Armando Ferreira, disse que há esquadras onde, quando é detetado um caso

positivo, apenas “um ou outro polícia é submetido ao teste”. “Pode ser testado o colega do lado, mas os restantes não se submetem a qualquer exame”, disse. Do mesmo modo que, adiantou ainda, “a distribuição de máscaras continua a ser insuficiente, ao ponto de serem os polícias quem compra cerca de 90 por cento das mesmas”.

“Continua a não haver distribuição diária e individual de máscaras aos elementos da Polícia de Segurança Pública.

O acesso a determinado tipo de máscaras, que estão no próprio local de trabalho, só pode ser feito mediante autorização superior e quando haja a suspeita de que os agentes vão contactar alguém está infetado”, adiantou o presidente do Sinapol.

Na PSP, de acordo com informação recente da direção, havia, em todo o território, 67 polícias infetados, sendo que um deles é o próprio diretor nacional, o superintendente Magina da Silva.

Também entre os funcionários dos CTT foi confirmada a não realização de testes de despistagem. De acordo com o secretário-geral do Sindicato Democrático dos Trabalhadores dos Correios, José Arsénio, a situação não tranquiliza os profissionais do setor e nem sequer os utentes dos serviços.

“Sentimo-nos quase que abandonados. A empresa podia deixar de continuar a empurrar as responsabilidades para a Linha de Saúde 24 e promover a realização de rastreios”, afirmou. ■

Estátua D. Manuel Martins em Setúbal



IMAGEM DR

A CÂMARA MUNICIPAL e a Diocese de Setúbal inauguram, na próxima segunda-feira, uma estátua de D. Manuel Martins, Bispo emérito de Setúbal.

A obra da autoria da escultora Maria José Brito vai ser erigida no Largo de Santa Maria, em frente à Sé Catedral onde D. Manuel foi ordenado em 1975 como primeiro bispo de Setúbal.

A iniciativa assinala os 45 anos da ordenação do prelado que nasceu no Porto, mas que desde que foi nomeado Bispo de Setúbal foi um acérrimo defensor das suas gentes. “Nasci bispo em Setúbal, agora sou de Setúbal. Aqui anunciarei o Evangelho da libertação, na justiça e no amor”, disse. D. Manuel Martins resignou em abril de 1998 e faleceu em setembro de 2017, aos 90 anos. ■



LINHA
COVID LARES

707 20 70 70

Apoio e informação aos lares de idosos no âmbito da pandemia

- ✓ **24 horas por dia | 7 dias por semana**
- ✓ **Disponível em todo o país**
- ✓ **Esclarece dúvidas e procedimentos**
- ✓ **Agiliza o contacto com as autoridades competentes**

 **REPÚBLICA PORTUGUESA**
TRABALHO, SOLIDARIEDADE
E SEGURANÇA SOCIAL

SANTA CASA
Misericórdia de Lisboa

ABC
ALGARVE BIOMEDICAL CENTER

Alarme da Covid-19 já atingiu 17 escolas do distrito

Nas duas últimas semanas o número de casos positivos em escolas do distrito quase que triplicou. Professores dizem que já há “turmas inteiras em casa” e temem que a situação se agrave, levando ao encerramento de alguns estabelecimentos.

TEXTO FERNANDO EMMES IMAGEM DR



EM MENOS de duas semanas o número de casos positivos de Covid-19 em escolas do distrito de Setúbal passou de cinco para dezassete, mas o Semmais sabe que há mais casos não identificados pela Federação Nacional dos Professores (FENPROF), que teme que os contágios se multipliquem e que muitos estabelecimentos de ensino sejam obrigados a encerrar.

“São números que não surpreendem e podemos estar perante algo muito mais complicado a curto prazo. Em breve será mais fácil fazer a lista das escolas sem Covid-19”, disse ao Semmais José Feliciano Costa, dirigente da FENPROF e presidente do Sindicato dos Professores da Grande Lisboa, (estrutura que engloba o distrito de Setúbal).

Segundo a lista que a FENPROF tem atualizado diariamente, ontem, sexta-feira, eram dezassete as escolas da região com casos confirmados entre alunos,

professores ou funcionários. O número representa mais de 13% dos estabelecimentos básicos e secundários do distrito, que no conjunto conta com 120 escolas. A breve trecho, de acordo com os docentes, o ritmo acelerado de novos contágios pode tornar-se “incontrolável”, já que, em muitas situações “não é possível cumprir muitas das recomendações da DGS” em meio escolar.

DISTRITO TEM VÁRIAS TURMAS E PROFESSORES A CUMPRIR QUARENTENA

José Feliciano Costa diz que “podemos voltar a assistir ao fecho de estabelecimentos e ao regresso das aulas online”. Algo que, afirma, “a acontecer não será de modo generalizado, mas seletivo”. Na verdade, revela o dirigente, “temos já conhecimento de turmas inteiras e professores, em casa”.

Tal como já aconteceu na Secundária D. João II, em Setúbal, onde uma aluna testou positivo, levando três turmas do 12.º ano e quatro docentes a cumprir quarentena. Em Setúbal, aliás, há mais cinco escolas a braços com a Covid-19: EB1 Brejoeira; Escola Básica N.º3 de Setúbal; Escola Sebastião da Gama; Escola Secundária do Bocage e EB 2.3 de Azeitão.

Ainda no concelho sadino, há ainda relatos de infeções nas escolas Lima de Freitas, D. Manuel Martins, e na Luísa

Todi, esta última com dois professores em isolamento, alegadamente devido a contato com aluno que testou positivo. “Há docentes com baixa médica”, disse outra fonte ao Semmais, recusando confirmar se as razões se prendem com a Covid.

Já em Almada, há casos confirmados na Secundária Anselmo de Andrade, EB 2.3 António da Costa, Secundária de Cacilhas, EB1 Vale Flores e Secundária António Gedeão. Em Palmela, por sua vez, duas escolas já registaram infeções, a Secundária de Palmela, que já se viu obrigada a enviar para casa turmas do 11.º e 12.º anos, e a EB 2.3 José Maria dos Santos, no Pínhhal Novo, com alunos e professores em quarentena.

Na península contam-se ainda casos registados no Seixal, nomeadamente nas escolas secundária José Afonso e na EB dos Redondos; e em Sesimbra, na EB 2.3 Navegador Rodrigues Soromenho e secundária de Sampaio.

Ao longo da semana o Semmais tentou contato com vários agrupamentos de escolas, sem grandes resultados. Às primeiras abordagens sobre o assunto, a resposta mais comum foi “a direção está reunida” ou “não está ninguém disponível”. No agrupamento de Escolas Anselmo de Andrade, o diretor informou, através da telefonista que “não vai dar qualquer informação sobre esse assunto”. ■



Transportes ‘quase’ novos na península

Margem Sul deverá ficar com metade dos 2000 veículos distribuídos pelos quatro lotes da AML. O investimento é de mil milhões de euros distribuído por sete anos.

TEXTO JOSÉ BENTO AMARO IMAGEM DR

OS NOVE CONCELHOS da península Setúbal que integram a Área Metropolitana de Lisboa (AML) vão passar a ter transportes públicos rodoviários novos ou quase novos.

Integrados no lote três (de um total de quatro), Almada, Seixal e Sesimbra, passarão a dispor de um conjunto de transportes cuja idade média, no início da atividade, terá 11 meses. A empresa vencedora foi a Transportes Sul do Tejo (TST) que ficará também com a responsabilidade de fazer a ligação intermunicipal entre o Barreiro e Lisboa.

Segundo disse ao Semmais o responsável pelos transportes da AML, Carlos Humberto, os dois lotes da margem Sul poderão absorver mil milhões, metade do orçamento previsto para sete anos, para os quatro lotes. Está ainda prevista a utilização de 2000 veículos, metade na margem Sul, que terá entre 200 a 300 paragens na região.

No lote dos denominados concelhos do Sudeste – Alcochete, Moita, Montijo, Palmela e Setúbal - assim como as ligações intermunicipais ao Barreiro e a Lisboa -, a concessão foi atribuída ao agrupamento liderado pela Nex Continental Holdings, a qual inclui ainda a Transvia e a Empresa de Transporte Luísa Todi.

Os veículos que vão operar nestes concelhos são, diz a AML, totalmente novos. São, aliás, entre os quatro lotes, os únicos que são a estrear (no lote um - Amadora, Cascais, Oeiras e Sintra - a média de idade da frota é um pouco inferior a sete meses, enquanto que no lote dois - Mafra, Loures, Odivelas e Vila Franca de Xira - é um pouco inferior a oito meses). Em 2019 a média de idades dos transportes públicos rodoviários a operarem nas zonas em causas era de 13 anos. ■

Refood no limite da capacidade

Núcleos de Almada, Corroios, Barreiro e Setúbal ajudam mais de 270 famílias. Já todos têm listas de espera de pessoas que não têm de comer.

TEXTO FERNANDO EMMES IMAGEM DR

SÃO CADA VEZ MAIS as pessoas e as famílias que procuram a Refood. Os números dão conta do auxílio a mais de 270 famílias, num total superior a 1.000 pessoas, e os novos pedidos continuam a chegar. Desde o início da pandemia, em média, as novas solicitações subiram cerca de 80%, com todos os núcleos do distrito a juntarem nomes à lista de espera que cresce dia para dia.

Dos quatro núcleos, há três - Almada, Corroios e Barreiro -, que trabalham na recolha e entrega direta de refeições e alimentos. Só a delegação de Setúbal, por não ter espaço, é obrigada a canalizar os donativos para sete outras instituições que, por sua vez, fazem chegar a ajuda às famílias.

Almada, Barreiro e Corroios são res-

ponsáveis pela entrega direta de milhares de refeições. Só no Barreiro, concelho onde a organização está há apenas cinco meses, já foram entregues 7.000 refeições. Uma ajuda que chega hoje a 120 famílias, mais de 300 pessoas.

Sandra Lopes, coordenadora deste núcleo, confessa ao Semmais que “estamos no limite das capacidades e sem possibilidade de alargar a mais pessoas e famílias”. Esta inevitabilidade, diz, está a afetar todas as delegações.

Em Almada, onde o apoio chega a 160 pessoas, o coordenador Pedro Martins reconhece ter “cerca de 20 famílias em lista de espera, mas, diariamente, chegam pedidos aos quais não conseguimos dar resposta”.

Ana Martins, responsável pela comunicação da Refood Corroios revela que “já não fazemos apenas recolha e entrega de alimentos”. As pessoas pedem todo o tipo

de bens, até cobertores para os sem-abrigo”, diz.

O confronto diário com as necessidades alheias leva muitas vezes os próprios voluntários a avançarem com donativos. “Há dias chegou-nos um casal da Amora, sem comer há três dias e que, desesperado, pedia ajuda depois de não conseguirmos mais do que ficar em lista de espera do Banco Alimentar e da Cruz Vermelha. Em alguns casos, como este, somos nós voluntários quem se mobiliza para ajudar”, contou Ana Martins. ■



OBRAS EM CURSO RECUPERAM ÁREA HABITACIONAL E DE LAZER E CUSTAM 2,7 MILHÕES

Metamorfose aproxima centro de Sesimbra à Mata da Vila Amália

O Bloco da Mata, prédio que ameaça ruína desde 1995, vai ser demolido e reconstruído. Será aberta uma passagem pedonal para a Mata da Vila Amália. A reconversão trás grandes mudanças.

TEXTO JOSÉ BENTO AMARO IMAGEM DR

O CENTRO DE SESIMBRA vai mudar de rosto. O Bloco da Mata, conjunto habitacional que há vários anos constitui um sério problema de segurança, uma vez que o prédio ameaça ruína numa das alas, vai começar a ser parcialmente demolido para dar lugar a um novo conjunto. Em simultâneo a câmara municipal vai ligar o local, o Largo 2 de Abril, à Mata da Vila Amália, criando assim uma nova centralidade dentro da vila.

Após ter sido adjudica a empreitada já se iniciou a instalação do estaleiro, prevenindo-se que muito em breve comecem os trabalhos de derrube. Ao longo de 545 dias, conforme disse ao Semmais o presidente do município, Francisco Jesus, serão efetuadas demolições e levantadas paredes, tudo num custo na ordem dos 2,1 milhões de euros, sendo que 740 mil são provenientes do Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional.

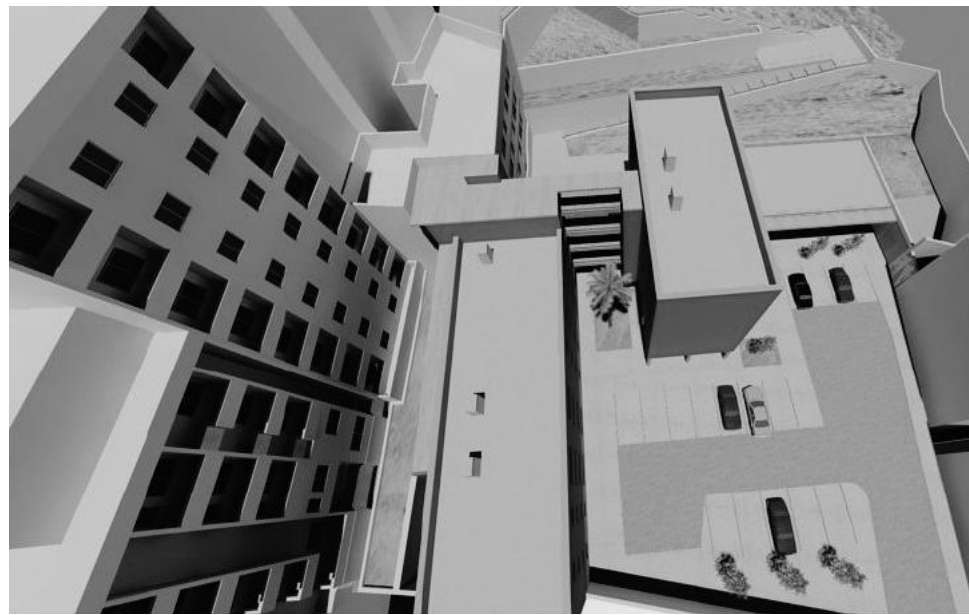
“É um trabalho de grandes dimensões e também de importante relevância social, porque, depois de concluído, irá permitir trazer para o centro da vila mais habitan-

tes e, em consequência, dinamizar todas as atividades comerciais aqui instaladas”, salientou Francisco Jesus, lembrando que, quando foram detetados os problemas estruturais no edifício, a câmara teve de realojar cerca de 50 por cento dos inquilinos noutras locais de Sesimbra e até noutras freguesias fora da vila.

O autarca lembrou que a obra é fundamental, uma vez que “existem zonas de comprovado risco e outras que se encontram seladas”. “É uma obra complexa, porque se localiza numa área complicada e que requer um grande trabalho de estabilização das estruturas”, disse.

PROJETO VAI DESBLOQUEAR USUFRUTO DA MAIOR ZONA VERDE DA VILA

O Bloco da Mata é um projeto de habitação social e foi edificado em 1980, tendo na altura 25 fogos, dos quais cinco eram T1 (uma sala e um quarto) e os restantes T2 (uma sala e dois quartos). Em 1995, na sequência de trabalhos realizados num edifício vizinho, as fundações do bloco nascente começaram a ceder e a ameaçar



O projeto de habitação social será composto por 19 fogos entre as tipologias T1 e T2

ruína, obrigando à retirada de cinco famílias e ao encerramento de uma loja da EDP no piso térreo.

Agora, de acordo com os técnicos municipais, o mesmo piso térreo será recuperado de modo a poder albergar um conjunto de lojas e serviços, enquanto a parte habitacional, dispersa por dois blocos de quatro pisos, será composta por 19 fogos, dez T2 e os restantes T1. Serão ainda criados 18 lugares de estacionamento para residentes e quatro lojas para comerciantes e entidades prestadoras de serviços.

Francisco Jesus destaca, entre todo o

projeto, a oportunidade que agora existe de ser criado um caminho pedonal que irá ligar a zona habitacional à Mata da Vila Amália. “Trata-se de criar condições para que toda a população da vila possa aceder a um espaço verde de grande importância”, acrescentou.

As obras nesta zona, que ainda estão na fase de abertura de concurso público, têm uma duração prevista de 270 dias e um custo estimado na ordem dos 640 mil euros. No total, entre os trabalhos no bloco habitacional e os da zona verde, serão despendidos cerca de 2,7 milhões de euros. ■

Obras em torno do castelo de Palmela geram polémica

O tamanho do passadiço para pessoas com mobilidade reduzida e o eventual impacto negativo junto do monumento gera protestos do Movimento de Cidadãos pelo Concelho de Palmela.

TEXTO JOSÉ BENTO AMARO IMAGEM DR



A CONSTRUÇÃO de um corredor de acesso para pessoas com mobilidade reduzida a determinados espaços do castelo de Palmela está a gerar uma onda de polémica na vila. O Movimento Cidadãos pelo Concelho de Palmela considera que a obra, “sendo nobre, é completamente desproporcionada” e já anunciou que vai pedir um parecer à Direção-geral do Património Cultural.

O ex-presidente do município e candidato às próximas autárquicas, Carlos Sousa, que integra o referido movimento de cidadãos, diz não poder concordar com as dimensões do corredor que está a ser feito e critica “a parede de betão que se está a levantar em frente à Igreja de Santiago” e “as grossas vigas de ferro”, destinadas

a acolher uma passadiço por onde irão circular as cadeiras de rodas. “Parece material destinado para as fundações de um edifício de 20 andares”, disse ao Semmais.

Também o vereador do PS, Raul Cristóvão, se pronunciou sobre a obra, dizendo que não conhece o projeto, mas que “se calhar, mesmo considerando que os trabalhos já deveriam ter sido realizados há muito tempo, eu teria feito diferente”. O autarca elogiou a intenção de se valorizar toda a área pedonal em redor do castelo, mas lamentou que a torre do mesmo continue encerrada a todos os visitantes, tenham eles ou não mobilidade reduzida.

Ainda sobre o impacto que os trabalhos em curso podem causar aos visitantes, Raul Cristóvão diz que os mesmos foram “licenciados” e “aprovados pelo Instituto de Gestão do Património”, pelo que entende que os técnicos responsáveis terão igualmente noção das apreciações públicas que poderão ser feitas.

O Semmais tentou, sem êxito, obter um comentário do presidente da câmara de Palmela, Álvaro Amaro, sobre a polémica. O que foi possível apurar foi que o município valoriza a obra e o facto de o projeto ter sido aprovado. Essa mesma opinião foi transmitida ao Movimento Cidadãos pelo Concelho de Palmela, via Carlos Sousa. ■

VÍTOR PROENÇA PROSEGUE MANDATO COM OBRA NO TERRENO E OLHOS POSTOS NO FUTURO

Continuar a colocar Alcácer na rota do investimento

Os investimentos em Alcácer do Sal nunca pararam com a pandemia e mostram, segundo Vítor Proença, a intacta atratividade do concelho. O edil afirma que está a executar os fundos como nenhum outro município do distrito, e coloca a questão da água como um problema maior.

ENTREVISTA RAUL TAVARES

IMAGEM DR

O arrefecimento da economia devido à crise pandémica interrompeu, de algum modo, os investimentos anunciados para o concelho?

Não podemos inferir isso, até porque os investimentos em Alcácer nunca pararam. São projetos que estão em curso e, neste caso, estamos a falar dos novos hotéis de 4 estrelas, de todas as empresas do agroalimentar, as duas empresas de relva (uma na Comporta e outra em Vale Gordo, em Alcácer do Sal), uma nova fábrica em desenvolvimento que vai trabalhar com a indústria farmacêutica, as empreitadas e obras públicas que estão em curso em todo o concelho, entre outras. Tudo isto dá-nos uma confiança muito grande na economia de Alcácer do Sal.

Começamos então pelo turismo, qual o posicionamento de Alcácer no quadro do Litoral Alentejano. Há alguma meta a atingir?

Não há metas. Há, sim, um propósito de atrair mais turistas com qualidade, e essa qualidade obtém-se na forma como se recebe. Nas infraestruturas, no serviço que é prestado, seja no alojamento, seja na restauração, seja no comércio. Isto, e termos uma cidade e um concelho cada vez mais qualificado, é esse o nosso propósito.

Mas apesar da crise sanitária há números interessantes, ou nem por isso?

Temos sempre crescido e mesmo este ano, por exemplo, a Comporta atingiu números incalculáveis. O município avançou de forma pioneira com um sistema de limpeza urbana reforçadíssimo para ter a aldeia da Comporta mais limpa. O Centro Histórico de Alcácer está, neste momento, em transformação, com muita reabilitação urbana. Edifícios que estavam praticamente em ruínas foram adquiridos e estão a ser totalmente reabilitados. Isto deve-se a uma política proativa da câmara, com incentivos fiscais que têm atraído muita gente.

Há também aposta clara no património edificado, também ajuda...

Claro, desde logo, no novo Museu Pedro Nunes, inaugurado a 6 de abril de 2019. Repare que Alcácer passou a ter, dentro da cidade, dois museus. A Cripita Arqueológica, que tem uma procura muito elevada. Após a sua reabertura, já no período da pandemia, voltou a ter números muito positivos interessantes. E o Museu Pedro Nunes que é um caso de sucesso. Por outro lado, estamos a trabalhar



Cedo para pensar nas autárquicas, mas será sempre um projeto coletivo

Vítor Proença diz ser cedo para antecipar uma eventual recandidatura às próximas autárquicas. "Tal como aconteceu em 2013 quando me candidatei à câmara de Alcácer do Sal pela primeira vez, entendi que tinha que integrar um projeto coletivo, que é um projeto que quer a bandeira de Alcácer bem levantada". E diz que hoje ainda está mais convicto disso: "Integro um projeto coletivo muito forte que tem ideias e é lutador, colocando Alcácer na rota do desenvolvimento e da prosperidade". E acrescenta: "Alcácer tem que gritar vitórias diárias bem alto, relativamente àquilo que este concelho representa para o país. Somos um município pleno de possibilidades e potencialidades".

do ponto de vista do património material e imaterial. Todo o trabalho dos três forais está completo. Alcácer do Sal é dos poucos municípios que mantém o Foral do tempo de D. Afonso Henriques, o Foral de D. Afonso II e o Foral Manuelino.

É impressionante desse ponto de vista. É uma bandeira para reforçar?

Dou outro exemplo: Alcácer tem guardados 600 contentores de peças arqueológicas, todas elas encontradas no nosso território. Portanto, a nossa aposta é reforçar todo o trabalho fantástico de dezenas de anos que tem sido feito não só em Alcácer, mas também no Torrão e restantes zonas do concelho, relativamente à conservação do património. Também nos preocupamos com o património imaterial, que é algo extraordinariamente importante, com o exemplo da música filarmónica.

Outra preocupação que tem manifestado prende-se com o cluster do arroz, tem sido uma espécie de 'Paladino' a pedir ajudas...

Porque é preciso fazer vincar que Alcácer representa 30 por cento da produção nacional de arroz Carolino. É uma cultura muito exigente a nível hídrico. São 12.500 metros cúbicos por hectare. É das culturas que precisa de mais água, embora depois grande parte dessa água devesse ser reaproveitada. Estamos muito preocupados, porque está em causa a

economia nacional, na medida em que com a redução da produção de arroz obriga a mais importação.

Os produtores precisam de que tipo de apoios?

Tem que haver uma aposta no apoio aos produtores de arroz. Está a haver neste momento uma renovação dos canais de rega do Vale do Sado num investimento de 40 milhões de euros, canais que são quase só em Alcácer do Sal. São canais fundamentais para transportar a água das barragens e albufeiras para os campos do arroz. Nesse sentido, devido às obras, diminuiu este ano a produção de arroz (cerca de 50 por cento). No entanto, temos expectativas que no próximo ano haja uma retoma da normalidade. O problema mais complexo e grave tem a ver com as alterações climáticas: está a chover muito menos. Não existem programas de carácter nacional nem quaisquer incentivos para aproveitar a água que se perde. É um esforço muito grande que tem que ser feito pelo país, um programa de aproveitamento da água já que muita água se perde.

Com esses constrangimentos é provável que não haja mais empresas a instalar-se nesta área...

No arroz, parece-me difícil. O que acontece neste momento é o surgimento de novas culturas no Vale do Sado, como a da cenoura, fortíssima atualmente no

concelho, a da pera-abacate, já com 150 hectares plantados de altíssima qualidade, as de relva, com dois campos, um de 150 hectares na Comporta e outro de 50 hectares, que vai duplicar brevemente, em Vale Gordo, culturas hortícolas como a couve-japonesa, do alho francês, da batata doce, os mirtilos, entre outras, com centenas de hectares espalhados um pouco por todo o concelho.

Parece uma grande mudança do solo agrícola...

Está a haver uma reconversão de terras sim, que anteriormente nada produziam, sendo que hoje passaram a dar novamente produto. Há também a relevar os produtos endógenos do nosso conce-



lho, como os vinhos e azeites premiados, o pinhão, o mel, entre tantos outros.

Mas os longos períodos de seca que afetam a Bacia de Sado, são um obstáculo, como se resolve este problema recorrente?

É um problema que não toca só ao arroz. Toca também o gado, a pecuária e a outras culturas. Já defendi junto do Primeiro Ministro e de outros governantes um programa nacional de aproveitamento da água, não se descartando a hipótese da dessalinização do rio Sado. O reaproveitamento da água do nosso rio tem que ser encarado como uma hipótese, tendo que haver necessariamente um investimento forte.

Está entusiasmado com a nova ETAR que vai tratar os efluentes para o Sado?

Trata-se de um sistema complexo. Tudo o que tem a ver com o rio Sado tem que ter proteção ambiental. O município tem feito um trabalho excepcional e um investimento fortíssimo, nomeadamente com a construção da nova ETAR de Alcácer do Sal. Estamos a identificar pontos de descarga para o rio. O tratamento dessas descargas vai fazer com que tenhamos um Sado mais limpo e mais azul.

Faça-nos uma pequena resenha do que tem sido este mandato e o que ainda falta fazer...

Este é o segundo mandato deste executivo. Após termos passado uma curva muito apertada com falta de financiamentos comunitários no primeiro mandato, juntamente com a reorganização interna de recursos humanos que fizemos no município, com a admissão de muitos jovens da terra, estamos atualmente no maior ciclo de obras de toda a história de Alcácer do Sal.

Muito investimento, tem números?

É um conjunto fortíssimo de investimentos que está à vista de todos, muitos com financiamento comunitário, chegando ao máximo de 85% de comparticipação e outros sem qualquer financiamento, como a obra da estrada de Casebres, a empreitada das azinhagas, a ETAR do Bairro do Forno da Cal, e agora as infraestruturas de Foros de Albergaria, com um investimento do município na ordem de 1 milhão de euros. Tem sido um mandato com um trabalho fantástico com as es-

colas, com a componente social ou com o desporto. Hoje, o município tem uma carteira de projetos muito significativa. O que está aí para vir, no próximo mandato, será já o realizar de inúmeros projetos que a câmara tem em carteira.

Que aproveitamento foi feito dos fundos comunitários em valor e a taxa de execução?

O investimento global, sujeito exclusivamente a financiamento comunitário, atinge os 10 milhões de euros, o que faz com que Alcácer do Sal esteja na dianteira do distrito de Setúbal neste aspeto, sendo ao mesmo tempo aquele que menos receita tem. Continuamos também com a taxa mais baixa de IMI (0,3%). Esta grande capacidade de obter fundos comunitários faz-se com o tratamento dos dados com grande antecedência, planeamento, informação e sobretudo muito trabalho. Estamos a colher aquilo que semeámos. Vencemos também diversos contratemplos, dado que muitas empresas não se candidataram aos concursos (empreitadas). Tivemos que aumentar os preços-base para que as obras se fizessem. No entanto, hoje estamos em velocidade cruzeiro no que às obras diz respeito.

Com tudo isso como está a saúde financeira do município?

O prazo médio de pagamento aos fornecedores está atualmente nos 24 dias. Não temos pagamentos em atraso (a mais de 90 dias). Há um equilíbrio orçamental permanente, estamos com um valor de dívida que não ultrapassa 1 milhão de euros. Recorremos recentemente a dois créditos bancários para alavancar a componente não financiável das obras com participação financeira, mas também o conjunto de obras que estamos a fazer que não tem financiamento.

Se lhe pedir para enunciar os principais problemas do concelho, quais apontava?

O problema que eu considero ser o principal no concelho é a nível do emprego. Nós necessitamos de mais investimento e mais emprego. Existe um segundo problema relacionado, que se está a agravar, que tem a ver com o défice demográfico. Tal como em todo o Alentejo e no país, temos um índice de envelhecimento muito elevado. O número de jovens com menos de 15 anos é muito inferior ao número

de pessoas com mais de 65 anos. Isto só se combate com alternativas de emprego para as pessoas. O município tem este diagnóstico feito, daí o investimento que tem sido feito. Nós damos o exemplo... A câmara municipal tem levado a cabo a admissão de um conjunto de jovens da terra. Também quero referir a atual carência de médicos e enfermeiros. Não aceitamos que Alcácer tenha em média um médico por cada 1.100 habitantes quando a média nacional é de um médico por 155 habitantes. A estrada entre Palma e Alcácer do Sal (ICI) também tem recebido reivindicações da nossa parte, dado o estado inaceitável, completamente degradado em que a mesma se encontra. Finalmente, apraz-me referir um problema estrutural, que tem a ver com a ferrovia: não desistiremos do regresso da paragem de comboios de passageiros em Alcácer. Isto é possível, tendo a ideia tido já o reconhecimento por parte do próprio ministro das Infraestruturas. É uma luta que continuaremos a travar de forma empenhada, tanto eu como os colegas dos municípios do Litoral Alentejano.

Foi muito duro com o seu antecessor, há comparações a fazer relativamente à herança deixada?

Não é possível fazer comparações. O nosso grande propósito foi clarificar as contas da câmara municipal, pois à nossa entrada não estavam claras. Foi este executivo que teve que fechar o projeto - caótico - de Reabilitação Urbana de Alcácer do Sal (RUAS). Foi lamentável termos que devolver quase 200 mil euros à Comissão Europeia por duas empreitadas mal feitas do tempo da gestão do PS. Por outro lado, enalteço a sabedoria, força e capacidade desta equipa (executivo) que permitiu que Alcácer desse a volta por cima a tantas situações difíceis. Também valorizo o trabalho dos valiosos funcionários e funcionárias da câmara municipal, que têm sabido erguer e desenvolver o município com todos estes projetos e obras fantásticas que esta entrevista não permite enumerar.

E já agora, como líder da CIMAL (Comunidade Intermunicipal do Alentejo Litoral) como vê o futuro do Litoral Alentejano?

Com muita expectativa, de um modo positivo. O Litoral Alentejano está hoje a crescer mais rápido que o país. O PIB está

Crise sanitária com apoios virados para os idosos

"Há um período antes da pandemia e outro depois. Este período que estamos a viver tornou-nos mais maduros, adultos e resilientes. Tornou-nos profundamente introspectivos em relação à sociedade em que vivemos. Este é um período em que os laços não acontecem como aconteciam num passado recente", reflete o presidente do município alcaçerense. Vítor Proença explica que antes da pandemia havia 300 idosos inscritos em programas de prática desportiva, utilizando as instalações desportivas municipais, "e hoje não podemos fazer esse trabalho". Atravessando a crise sanitária "sem nenhum caso positivo nos lares do concelho", o edil atribui esse resultado "não só pelas valorosas medidas tomadas pelas IPSS, mas também por uma certa dose de sorte". Mesmo assim, afirma, "esses idosos recebem muito poucas visitas, dado que os centros de dia estão encerrados, tendo de ficar nas suas casas, mas sendo-lhes fornecidas as refeições por parte das instituições". "Vivemos um tempo em que, efetivamente, temos que seguir em frente. A Câmara Municipal de Alcácer do Sal, com a tomada de medidas a nível sanitário, tem vindo a proteger os trabalhadores, e tem também uma postura de apoio constante a todas as entidades, sejam elas escolas, GNR, Bombeiros ou IPSS. O município nunca deixou ninguém para trás"

a crescer 1,5% mais que no resto do país. Há novos e grandes investimentos já em curso nos municípios do Litoral Alentejano. Não é apenas na componente do alojamento e da restauração, existe também um grande crescimento na indústria, no agroalimentar, nos serviços, tendo vindo a haver uma procura fantástica no verão que passou apesar da situação difícil que atravessamos. Contudo, a nível de investimento do poder Central, esse não tem acontecido. O Governo tem que investir muito mais no Litoral Alentejano. É inaceitável o atraso que tem havido na reparação das estradas nacionais, é inaceitável o tratamento que nos é dado na área da saúde, com as carências no Hospital do Litoral Alentejano, a falta de médicos, enfermeiros e técnicos numa região que tem tudo para vingar, mas não tem incentivos materiais. Não entendo a falta de aposta no comboio de passageiros. Relativamente ao emprego, tem que haver uma aposta fortíssima em majorações a empresas de caráter agrícola que criem cadeias de valor. Julgo que o Litoral Alentejano tem grandes investimentos já em curso, e que os autarcas e os cinco municípios têm sido fonte proativa de soluções. Os cinco presidentes de câmara das autarquias do Litoral Alentejano têm funcionado a uma só voz, sempre unidos em torno das questões que envolvem a região. Tem sido assim e continuará a ser. ■

“Ser Casa Barreiro” reintegra sem-abrigo

O projeto social já reintegrou 45 pessoas em situação de sem-abrigo, mas pretende continuar a abrigar e formar a população em situação mais vulnerável, oferecendo melhores condições de vida.

TEXTO IRINA VERDE IMAGEM DR

A CÂMARA DO BARREIRO está a implementar o projeto social “Ser Casa Barreiro”, que tem como objetivo a inclusão social e profissional de pessoas em situação de sem-abrigo.

Através de uma equipa multidisciplinar responsável pela avaliação e gestão de indivíduos em situação de risco, o projeto, que conta com um investimento global superior a 286 mil euros para os próximos três anos, pretende formar e tirar das ruas quem não tem um teto para viver.

Em declarações Semmais, Sara Ferreira, vereadora responsável pela área de Intervenção Social da autarquia do Barreiro, explica que o projeto irá atuar em três vertentes, nomeadamente com a constituição de uma equipa de emergência que andarás pelas ruas do concelho para apoiar e acompanhar a situação da comunidade sem-abrigo identificada; a criação de um centro diurno que irá funcionar no edifício Centro Social e Paroquial Padre Abílio Mendes com o intuito

de abrigar e formar esta população; e ainda a implementação do projeto-piloto “Housing First” em que serão atribuídos dois apartamentos, no qual será executado o modelo inverso ao que geralmente é aplicado, ou seja, ao sem-abrigo é primeiramente atribuída uma casa e posteriormente feito o acompanhamento de integração na sociedade.

Em paralelo, Sara Ferreira explica que será implementado também um modelo de apartamentos partilhados, gerido pela Associação NÓS, no qual numa fase inicial serão abertas 11 vagas. “A resposta habitacional que nos faltava no “Ser Casa Barreiro” vai ser colmatado com os apartamentos partilhados, dois projetos paralelos que confluem pelo mesmo objetivo”, afirma a vereadora.

INICIATIVA SOCIAL DA AUTARQUIA JÁ RETIROU DAS RUAS 45 PESSOAS

Neste momento o “Ser Casa Barreiro” já está a funcionar, embora o espaço físico



de apoio ainda esteja a ser desenvolvido. No início deste mês de outubro, a autarquia assinou um contrato de arrendamento para a utilização de algumas salas das instalações do Centro Social e Paroquial.

Ao todo, 45 pessoas já viram a sua situação salvaguardada, das quais dez em comunidade terapêutica, oito em reintegração no seio familiar, 17 através do arrendamento de um quarto, seis viram atribuída uma habitação no âmbito do protocolo tripartido entre o Instituto da Habitação e Reabilitação Urbana, IGF e a Segurança Social, tendo ainda um habitante regressado ao país de origem e três saído do concelho. No entanto, foram ainda identificadas nove pessoas considera-

das “sem teto e que coabitam em espaço público”, revelou Sara Ferreira.

O projeto surge em parceria com a RUMO e conta com a participação da Administração Regional de Saúde de Lisboa e Vale do Tejo, na sequência da Estratégia Nacional para a Integração das Pessoas em Situação de Sem-Abrigo (ENIPSSA). Outras instituições tais com o Centro Hospitalar Barreiro Montijo, o Comando Distrital de Setúbal da Polícia de Segurança Pública e a Santa Casa da Misericórdia do Barreiro, e ainda Instituições Particulares de Solidariedade Social, estão envolvidas e determinadas a apoiar e dar melhores condições de vida a todos os que se encontram em situação vulnerável. ■

Academia em Sarilhos Grandes permite manter no ativo 560 seniores

Com o novo equipamento, todos os residentes com mais de 55 anos de freguesias rurais do Montijo passam a ter acesso a atividades lúdicas e culturais que ajudam a promover o envelhecimento ativo.

TEXTO FERNANDO EMMES
IMAGEM DR

FOI INAUGURADA recentemente a Academia Sénior de Sarilhos Grandes, uma extensão da Universidade Sénior do Montijo. Trata-se de um equipamento social que eleva para 560 o número de pessoas que, em todo o concelho, já podem aceder às estruturas existentes e participar nas



inúmeras atividades lúdicas e culturais ali ministradas.

Em declarações ao Semmais, o presidente da câmara do Montijo, Nuno Canta, começou por salientar o facto de que com a abertura da Academia em Sarilhos Grandes, todas as freguesias estarem integradas no projeto da Universidade Sénior. Já existiam iguais equipamentos em Pegões/Canha e Atalaia/Alto Estanqueiro/Jardia.

“Aqueles que têm mais de 55 anos, que residem na freguesia de Sarilhos Grandes e que querem continuar a aprender e a

adquirir competências têm agora a possibilidade de frequentar um conjunto de atividades e disciplinas”, salientou o autarca.

Nuno Canta fez ainda questão de dizer que “no Montijo ninguém fica para trás”, afirmando que se a Universidade Sénior, na União de Freguesias do Montijo e Afonseiro, já dava resposta à população mais velha do espaço mais urbano, com a abertura de academias em todas as freguesias, ficam também servidos os residentes nas áreas mais rurais.

O novo projeto, cofinanciado pelo Programa Operacional Regional de Lisboa 2020, destina-se a combater o isolamento, estimular a participação cívica, promover o envelhecimento ativo e encontros intergeracionais através de um conjunto de atividades e aulas realizadas em parceria com entidades locais, como a junta de freguesia, a Associação de Reformados e Pensionistas de Sarilhos Grandes, a AMUT - Associação Musical União e Trabalho e as escolas.

Na nova academia a oferta passa “por um lecionar várias matérias, nomeadamente música, canto, pintura, labores, cerâmica e uma série de outras disciplinas mais gerais, como sejam o Português, a Informática ou ao Teatro”, revela o edil.

Nuno Canta lembrou ainda o importante papel que os voluntários têm nesta nova valência. “Trabalhamos todos os dias com várias pessoas que são, felizmente, nestes projetos, voluntárias a quem muito agradecemos. O voluntariado é sempre muito importante nestas academias”, adiantou o autarca, lembrando que a promoção do envelhecimento ativo é uma tarefa que se consegue concretizar com maior eficácia caso exista um envolvimento dos jovens nas tarefas a desempenhar. ■

TRINTA E OITO ANOS DE ATIVIDADES EM SETÚBAL A FORMAR BAILARINOS DE TOPO

Academia movimenta-se na busca de novo palco

Para crescer e ter mais visibilidade, a ADCS não desiste de sonhar poder mudar-se para um espaço mais amplo no coração de Setúbal. A direção apela à sensibilidade de todos para que abracem um projeto único no país que forma bailarinos de referência.

TEXTO ANABELA VENTURA IMAGEM DR



A **ACADEMIA** de Dança Contemporânea de Setúbal (ADCS), por ocasião do 38.º aniversário, continua a sonhar com um espaço mais amplo e central, de preferência no coração da cidade (há 14 anos que funciona num pequeno pavilhão cedido pela câmara, nas Manteigadas). E luta também por mais apoios do Estado.

Até ao momento, o município, que anda

há largos anos a tentar encontrar uma solução, “ainda não conseguiu esse espaço”, apesar de a instituição manter reuniões regulares com a autarquia. Contudo, “já existe uma hipótese, mas não é definitiva. É apenas uma alternativa para nos ajudar neste ano letivo”, garante ao Semmais Iolanda Rodrigues. “Acredito que haja vários espaços em Setúbal, no entanto, os recin-

tos para dança necessitam de determinados requisitos. Não nos podemos encaixar num cantinho qualquer”, realça a professora e membro da direção.

Apesar das dificuldades, a equipa diretiva não cruza os braços e foca-se no futuro. “Acreditamos que vamos continuar a trabalhar e que um dia teremos instalações condignas no centro da cidade. Se não acreditássemos já não estaríamos aqui”, desabafa Marina Sacramento, queixando-se que “a inexistência de transportes públicos regulares complica a vinda dos alunos”.

Além de novas instalações, a ADCS reclama, ainda, melhores apoios do Governo, porque o que recebe atualmente “não dá para sobreviver”. De realçar que a academia perdeu “muitos alunos” devido à pandemia e isso faz diminuir o financiamento do Estado. “Dos 98 alunos que tínhamos em 2019, atualmente só temos 50, mas ainda aguardamos a entrada de novos estudantes nas classes de iniciação onde também estarmos muito reduzidos. Houve alguns alunos do curso profissional de bailarinos que desistiram com receio da Covid-19.

É uma situação muito grave porque o apoio é feito de acordo com o número de inscritos”, afirma Iolanda Rodrigues.

Com a redução do financiamento,

Novas experiências ao ar livre

A academia, depois de vários meses de confinamento, realizou recentemente algumas aulas ao ar livre, nas imediações da instituição, para oferecer “alguma felicidade e novas experiências” aos alunos. Todavia, considera que “não é desta forma que se formam bailarinos profissionais”.

A instituição orgulha-se de ter formado muitos bailarinos profissionais que estão a trabalhar em companhias nacionais e internacionais, pelo que Iolanda Rodrigues deixa uma mensagem: “É importante a cidade perceber, e principalmente as grandes empresas, que formamos bailarinos de topo espalhados pelo mundo. É preciso que nos ajudem. Muitos estão já a terminar as carreiras, mas têm levado o nome de Setúbal além-fronteiras. É preciso que se valorize e abrace este projeto único no país. Somos das poucas escolas que tem formação desde o 5.º ano ao 12.º ano. Fomos a primeira escola do ensino artístico vocacional em Portugal e a referência para o Ministério da Educação criar planos de estudo para outras escolas”. Entretanto, o espetáculo comemorativo do 38.º aniversário, intitulado “Eternamente Provisoriamente em Setúbal”, agendado para ontem, dia 23, no Fórum Luísa Todi, foi cancelado devido à evolução da pandemia.

prossegue Marina Sacramento, outra diretora da ADCS, é “muito possível que até ao final do ano letivo haja falhas no pagamento de salários aos nossos 12 funcionários”.

Iolanda Rodrigues considera que “a atual forma de financiamento mata o ensino especializado da dança”. ■

Histórias de conserveiras em “A Casa de Emília”

A nova produção do Teatro Estúdio Fontenova é um original de Luísa Monteiro. Encenada por José Maria Dias, a peça sobe ao palco a 6 de novembro.

TEXTO MARTA DAVID IMAGEM DR

NUMA CIDADE que possuiu dos maiores centros conserveiros do país, as histórias e estórias de mulheres que “quase nascidas nas fábricas, faziam das caixas do peixe o seu berço”, enquanto as mãos das suas mães se ocupavam com o amanho do peixe para poderem “amanhar” a vida.

Com estreia marcada para 6 de novembro, no Fórum Municipal Luísa Todi, em Setúbal, para além da peça que estará em cena até dia 15, o Teatro Estúdio Fontenova (TEF) vai também lançar um livro com a obra de Luísa Monteiro, na

Casa da Cultura, no dia 7. A obra conta ainda com um trabalho de pesquisa e investigação levado a cabo junto de várias mulheres que trabalharam nas fábricas de conserva da região e que foi escrito por Jaime Pinho, João Santos e Vanessa Amorim.

Com encenação de José Maria Dias, “A Casa de Emília” conta com as interpretações de Eunice Correia, Fábio Nóbrega Vaz, Graziela Dias e Sara Túbio Costa, e com a participação do Coro Setúbal Voz, que interpreta as composições musicais de Jorge Salgueiro.

“Mais do que uma peça sobre a vida das conserveiras, esta obra é uma história que vai beber à vida das conserveiras. A Emília que trabalha numa fábrica de conservas vive com a filha Albertina e com a neta Amélia e são as vivências dessa casa que são retratadas, ao mesmo tempo que são tenta fazer um retrato da vida dessas mulheres e da sociedade política e económica da altura”, explica Patrícia Paixão, do TEF, que associa também a estreia da peça ao dia internacional pela eliminação da violência contra a mulher, assinalado em novembro. ■



ADEGA DE PALMELA COMEMORA 65 ANOS COM GRANDE ENTUSIASMO

Investimentos e novos vinhos de topo abrem ciclo

A maturidade da Adega Cooperativa de Palmela, que em setembro cumpriu 65 anos, abre largas expectativas para o futuro. Novas marcas de média e alta gama, carteira de investimentos 'non stop' e muita vontade de crescer mais fora de portas fazem parte do projeto atual.

TEXTO ANABELA VENTURA IMAGEM DR

O ANIVERSÁRIO foi comemorado com o lançamento de cinco novos vinhos, num ano atípico em que a adega perspetivava um crescimento de 15%, mas que a pandemia dissipou. "No primeiro semestre do ano crescemos 5% em valor e 35% em quantidade", diz Ângelo Machado, presidente do CA da Adega Cooperativa de Palmela ao Semmais. Um crescimento que dava sinais de que 2020 poderia ser muito bom, em linha com os resultados de 2019, ano que atingiu vendas de cinco milhões de unidades de vários formatos, com um volume de negócio a rondar os sete milhões de euros.

No ano passado, verificou-se uma mudança de hábitos do consumidor que opta pelos vinhos da adega, explica o responsável. "Sentimos que existiu uma trans-

ferência de compra da bag-in-box para a garrafa 75cl, onde tivemos um crescimento de 19% em quantidade. Curiosamente o nosso vinho mais vendido é um branco, o Vale dos Barris Branco monocasta Moscatel, do qual vendemos, em 2019, perto de meio milhão de garrafas".

O mercado nacional é o maior foco de escoamento, sendo que a exportação começa agora a ganhar mais terreno. "Atualmente exportamos 7% da produção sendo que nos próximos anos existem expectativas para que este percentual seja maior. Trabalhamos de forma consolidada países como França, Brasil, Rússia, China e Suécia. No entanto, sentíamos que as gamas/marcas dos nossos vinhos se tornavam curtas e muito limitativas para o crescimento pretendido".

A aposta em novas referências como as lançadas recentemente podem fazer com que a empresa dê o salto para uma exportação mais ativa. Das novas ofertas fazem parte os vinhos colocados no mercado para assinalar o aniversário, como o Adega de Palmela e Vale dos Barris Reserva Premium, Vale de Touros, Vinhas Velhas Reserva e Adega de Palmela Grande Reserva, que poderão ser mais apetecíveis para o cliente internacional e consolidar a ambição de aumentar as exportações.

Uma ambição que se alarga ao mercado nacional, em especial às vendas na área da restauração onde a marca ainda não tem tanta expressividade. "Cerca de 70% da nossa produção vai para a grande distribuição, onde também fazemos marcas próprias e exclusivas, para além das

Vinhos novos são vinhos com história

Os novos néctares são uma afirmação da adega, que assegura que "as cooperativas são iguais às outras empresas que operam no mercado dos vinhos e de que não ficam nada atrás, nem em qualidade, nem em tecnologia", defende o dirigente, adiantando que "o lançamento dos novos vinhos foi a forma que a adega se predispôs a mostrar ao mercado que também produz e sabe fazer vinhos de excelente qualidade. Sentimos também que está a existir a tendência para um consumo mais equilibrado. O consumidor gosta de se envolver com a história por detrás de um vinho, e nós já temos algumas para contar". E nesse piscar de olho ao consumidor, a empresa inovou em várias linhas. "Os mais recentes rótulos contêm simbologias com o intuito de facilitar a leitura do contra-rótulo, as castas, harmonizações, temperatura correta para consumo, grau do vinho (e estágio de barrica) e foi colocado um QR Code que direciona o cliente para o nosso site, bem como o nome do Enólogo Luís Silva que desenhou o perfil destes vinhos de uma forma excepcional".

PUBLICIDADE

PDR 2020 PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO RURAL 2014-2020

ADL Associação de Desenvolvimento do Litoral Alentejano

Ação 10.2 do PDR 2020

CANDIDATURAS ABERTAS

Tipologia de Apoio:

- Diversificação de Atividades na Exploração Agrícola – 10.2.1.3
De 15 de outubro de 2020 a 30 de novembro de 2020
(4º Concurso)

Território de Intervenção:

Litoral Alentejano (ALCÁÇER DO SAL, GRÂNDOLA, ODEMIRA, SANTIAGO DO CACÉM, SINES)

Consulte o Aviso de Abertura do Concurso e legislação aplicável em:

www.portugal2020.pt

www.pdr-2020.pt

www.adl.litoralalentejano.pt

Esclarecimento de dúvidas:

Telefone: 269 827 233 e 283 386 295

Email: adl.alentejano@mail.telepac.pt

PORTUGAL 2020



UNIÃO EUROPEIA
Fundo Europeu Agrícola de Desenvolvimento Rural
A Europa investe nos seus rurais



Modernização e nova linha logística

Os últimos investimentos levados a cabo, na ordem dos 300 mil euros, centraram-se quase em exclusivo em novas máquinas para aumentar a linha de produção, nomeadamente com a robotização dos processos. "A nossa aposta na robotização vem fazer face à crescente falta de mão de obra qualificada na região. Também temos como objetivo aumentar a capacidade de produção com a qualidade que nos é exigida." O próximo passo é investir no armazénamento "de maneira a garantir um stock mínimo de segurança de todas as nossas marcas".

nossas marcas principais, chamadas de marcas de fornecedor. No canal Horeca juntamos o Villa Palma que é exclusiva deste canal aos vinhos da grande distribuição, mas parte da estratégia de crescimento para os próximos anos passa por fomentar vendas na restauração. Sentimos que neste canal ainda há um longo caminho a fazer, apesar de já estarmos a trabalhar nesse sentido", explica Ângelo Machado. ■

Riscadinha e Camoesa impulsionam economia em Palmela e Sesimbra

A cerca de 30 quilómetros de distância, mas com uma história de resiliência em comum, a Riscadinha e a Camoesa são duas variedades de maçãs que correram risco de extinção. No entanto, o esforço em manter os frutos endógenos de Palmela e Sesimbra fizeram renascer os negócios.

TEXTO IRINA VERDE IMAGEM DR

COM UM PASSADO GLORIOSO, a maçã Riscadinha, característica do concelho de Palmela pela história de produção em consórcio com vinhas, e a Camoesa ou Férrea Azoia, cuja tradição de perfumar a casa até ao Natal desapareceu, passaram tempos difíceis, só ultrapassados pelo empenho e dedicação de Paula Castro e da câmara de Sesimbra, que conseguiram reavivar a plantação.

Paula Castro, hoje produtora biológica da maçã Camoesa de Palmela, confessa ao Semmais que temeu pelo pior. Por conta de um apelo do Ministério da Agricultura e da Cooperativa Agrícola de Palmela, que procuravam novos produtores da variedade, decidiu aventurar-se e plantou cerca de 3000 árvores num espaço de um hectare na quinta da família.

No entanto, com uma produção que demora cerca de três anos até “dar fruto”, Paula viu a cooperativa falir ainda antes



da primeira colheita e perdeu aquele que seria o alicerce para a comercialização da Riscadinha.

Sem baixar os braços, realizou um inquérito online para traçar um novo rumo e percebeu que a produção deveria converter-se em biológica, apostando ainda numa nova linha de transformados. Nasce então a marca “Pomar na Vinha” que para além das maçãs, comercializa

compotas, granolas e fruta desidratada da Riscadinha. No ano passado, promoveu as Jornadas Técnicas e o Sunset da Riscadinha, que marcaram o ponto de viragem na história da maçã de Palmela. Por ano, a empresária produz cerca de 20 toneladas.

CABO ESPICHEL CONFERE PROPRIEDADES ÚNICAS À CAMOESA

No concelho vizinho há uma história semelhante. A Camoesa da Azoia, característica de Sesimbra, também esteve ameaçada. Produzida na zona do Cabo Espichel, onde o microclima muito próprio lhe confere propriedades únicas, era conhecida como maçã de inverno, porque era colhida em setembro e colocada em cima dos armários até ao Natal para perfumar a casa. A tradição foi perdendo a força, mas, em 2012, a autarquia decide registar o fruto para preservá-lo e estimular a produção.

Ao Semmais, o vereador José Polido conta que a autarquia decidiu incentivar

todos os agricultores do concelho e que hoje são mais de 15 os pequenos produtores da Camoesa, cultivada em modo tradicional.

Com um tempo de produção de cerca de cinco anos, a maçã tem características anticancerígenas e é recomendada a doentes anémicos e diabéticos, pelas propriedades férreas que a destingue de todas as outras.

Em 2019, para alavancar a produção, a Adrepes atribuiu um prémio de 100 macieiras da variedade Camoesa ou Férrea Azóia-Sesimbra aos agricultores que decidissem produzir em pequena escala.

Apesar da pandemia, realizou-se este mês a VIII Mostra da Maçã Camoesa. O vereador José Apolido diz foi um sucesso e que muitos são consumidores interessados. “A maçã camoesa hoje está mais viva que nunca”, assume.

Este ano, em Sesimbra a produção já rendeu cerca de 17 200 quilos de maçãs Camoesa. ■

amar alcácer
com LIVROS de ANDRÉ CASADO

FAKE NEWS na Medicina
AUDITÓRIO MUNICIPAL
DOMINGO 16H00
25.OUT.20

Entradas gratuitas e limitadas aos lugares disponíveis

Alcácer do Sal
MUNICÍPIO
"A garantir segurança"

André Casado
FAKE NEWS NA MEDICINA
Descubra a verdade sobre a sua saúde
Para quem quer clarificar mitos e esclarecer assuntos apenas a Realidade e a Ciência.

EDITORIAL
RAUL TAVARES
 DIRETOR

Aeroporto do Montijo ferido de morte?

Está lançado o rastilho que vai ferir de morte o avanço no novo aeroporto do Montijo, previsto para aproveitamento da base área ali instalada.

Segundo as últimas notícias, a PJ fez buscas à APA, ao ICN, a gabinetes de advogados e sei lá mais quem. Alegadamente, estará em causa suspeitas de falsificação de documentos, abuso de poder e corrupção no processo que conduziu à Declaração de Impacte Ambiental. Não me ocorre dar, para já, qualquer gradação à investida das autoridades policiais. Sei bem como estas coisas começam, o tempo que demoram e, quase sempre, como acabam. No caso vertente, o que importa do meu ponto de vista é que vamos ficar a ver, mais uma vez, o aeroporto pelo binóculo. E isso não é nada bom. É uma sina.

A juntar a este facto das suspeitas que correm, que fará certamente fazer brotar muita tinta, há o arrefecimento da atividade aeroportuária à escala global. Acresce a posição irredutível da maior parte dos municípios da península de Setúbal, com Moita à cabeça. Portanto, é quase uma morte anunciada.

Mas esta infraestrutura é indispensável para a Grande Lisboa e deve instalar-se na região. Parece haver consenso alargado sobre este desfecho. Montijo ou Alcochete? Se as próximas autárquicas não definirem um arrumo político diferente, a questão vai manter-se, sendo que a manutenção deste diferendo sobre a localização futura do aeroporto na margem Sul, pode empurrar o equipamento estratégico para outras paragens. Beja, por exemplo, ou para a margem norte de Lisboa, com o ressuscitar da opção OTA.

Perante este quadro, seria muito importante que neste próximo ano pudesse haver alguma definição sobre o que pensa e o que quer a região, agora que os autarcas elegeram um poder intermédio relevante como a CCDR-LVT. E seria bom que se pensasse nos fundos que o país vai receber, oportunidade decisiva para exigir grande investimento público para a península de Setúbal. E mais ainda que se evitassem querelas que ponham em causas esses objetivos. Que se apure o que houver a apurar sobre suspeitas, mas que se não se ponha em causa, mais uma vez, aquilo que a região reclama e tanto precisa. ■

À PARTE
LEVI MARTINS
 DIRETOR DA COMPANHIA
 MASCARENHAS-MARTINS

SEMPRE QUE A ACTIVIDADE artística consegue alguma atenção mediática, o assunto parece ser apenas o dinheiro. É verdade que esta é uma das mais consistentes reivindicações do sector, mas não é a única. Claro que há muitos problemas que ficariam resolvidos se o investimento na cultura fosse superior e é pena que ainda não seja desta que o Ministério da Cultura consegue ter no Orçamento de Estado um aumento significativo das verbas de que dispõe. O desafio está em convencer os decisores da importância desse investimento, porque, como bem sabemos, nunca há falta de dinheiro quando existe vontade política. A grande questão que se coloca é: de que maneira é que se conseguirá alguma vez tornar o investimento nas artes uma prioridade política? E a resposta, parece-me cada vez mais, estará num percurso que terá de ser percorrido pelos profissionais das artes e pelos públicos.

Através das diferentes experiências por que temos passado, temos percebido que, por exemplo a nível local, o investimento cauteloso em estruturas

O dinheiro

artísticas profissionais deve-se mais à maneira como as mesmas são vistas por outras entidades, ou por algumas pessoas com poder de influência, do que propriamente por falta de dinheiro. Com o muito lento quebrar dessas resistências, tudo se vai tornando mais fácil.

O enraizamento da actividade nos territórios pode ser crucial para que a presença das artes no quotidiano passe a ser uma realidade, o que implica um trabalho com o qual não se pode querer resultados imediatos. O problema que se coloca, na maioria dos casos, é que sem dinheiro este trabalho é interrompido por ser inviável. E aí voltamos ao início da conversa. Porém, aqui chegados, é importante que se perceba que o assunto não é o dinheiro, mas sim o trabalho que o mesmo permite fazer.

Trata-se de uma pescadinha-de-ralo-na-boca, porque sem dinheiro não há trabalho profissional continuado, sem trabalho profissional continuado não há um aumento da relação com os públicos e sem essa relação não existe vontade política para aumentar o investimento.

Para sair deste lugar é preciso que alguém arrisque, seja através do sacrifício da estabilidade – que é o caso dos profissionais das artes, sempre fustigados pelo desejo que têm em fazer destas actividades uma profissão, quando não mesmo uma missão –, seja através do assumir posições menos populares por parte do poder político, que é o que alguns decisores acabam por fazer no sentido de pensar nos seus territórios a longo prazo, sem ceder à tentação de pensar simplesmente nas próximas eleições (sim, é raro, mas acontece). Também é preciso que se diga – e pouco se fala do assunto desta perspectiva – que todos somos responsáveis pela falta de investimento, porque somos nós, cidadãos-espectadores-fruidores, que constituímos os públicos que podem exigir diferentes medidas, tanto a nível nacional como local. É que em última instância é para nós, enquanto público, que o investimento existe e deve existir, pelo que não podemos em nenhuma circunstância demitir-nos desse nosso dever em prol de um direito – o direito fundamental à cultura. ■

CRÓNICAS DISTO E DAQUILO
CATARINA TAVARES
 DIRIGENTE SINDICAL

O Futuro já não é uma miragem

ENTRE OS EXTREMOS há um largo espaço de manobra para as ideias que cada um esgrime com maior ou menos escândalo ou, sucesso. Se por cá, um professor da Faculdade de Direito compara o feminismo ao nazismo entre outras barbaridades, noutras paragens é o feminismo “extremista” que faz franzir os sobrolhos, sendo que o “extremismo” feminista, pode ir desde ser permitido conduzir um veículo na Arábia Saudita (sim, já é possível, mas as mulheres que o exigiram continuam presas) até a afirmações que tornam os homens numa inutilidade condenada à extinção.

A divisão social do trabalho, na pré-história, por razões que se prendiam com as exigências da vida nómada, perdurou sob múltiplos aspectos nas sociedades humanas, até aos dias de hoje, traduzindo-se numa desigualdade que há muito deixou de fazer sentido.

Em Portugal, como na Europa, apesar de todo o progresso quer ao nível legislativo, quer ao nível das mentalidades, a verdade é que continuamos a ter um significativo fosso salarial entre homens e mulheres. Um estudo do

Eurostat mostra que se mantivermos a progressão para a igualdade salarial ao nível dos últimos 8 anos, a iremos atingir dentro de 84 anos. Pior, estes são os números da média europeia na verdade, em Portugal, o fosso ainda não parou de alargar (de 12,8% em 2010 para 16,8% em 2018) o que torna a igualdade salarial numa miragem. Por isso, a Directiva Europeia sobre Transparência Salarial, que se anuncia para breve, é importante para dar o passo em frente e caminhar decididamente no sentido de transformar palavras em actos.

A mulher deve ter acesso ao mercado de trabalho em condições de igualdade de oportunidades em termos de formação, de participação, de carreira e de salário. Num mundo em transformação, em que as parcerias humano-máquina terão uma importância crescente é mais do que tempo de aproveitar a oportunidade para finalmente nos livrarmos dos atavismos do passado e caminhar em direção a um futuro em que a igualdade de oportunidades seja uma realidade. Há um grande desafio no feminino: adquirir competências di-

gitais. Este é um desafio a que a sociedade terá de responder, se não quiser encontrar desculpas para perpetuar a desigualdade.

A igualdade de oportunidades não representa uma ameaça para os homens, representa uma libertação relativamente ao paradigma “eu sou o que faço”, que tem implicações profundas na sua saúde mental em tempos de aposentação ou, de desemprego.

Tudo indica que a evolução tecnológica que já, aqui, mora irá ditar uma crescente necessidade de adaptação a uma permanente renovação das condições do mercado de trabalho e mais períodos de interrupção entre empregos. As máquinas deixaram de ser meros executores e têm já, a capacidade de tomar decisões o que traz desafios para a humanidade que desde cedo estruturou as suas sociedades sobre o trabalho.

Homens e mulheres terão de saber gerir o impacto das novas tecnologias nas suas vidas e na vida das organizações. Este é um desafio que não é de mulheres ou de homens, é um desafio da humanidade. ■

semmais / Ficha Técnica

Diretor **Raul Tavares** / Redação **Anabela Ventura, António Luís, Cristina Martins, Irina Verde, José Bento Amaro, Marta David** / Coordenação Comercial **Cristina Almeida** / Direção de arte **Pedro Frade** / Design e paginação **António Afonso** / Serviços Administrativos e Financeiros **Mila Oliveira** / Distribuição VASP e Maiscom, Lda / Propriedade e Editor **Maiscom Edição e Publicações, Unipessoal, Lda**; NIPC 513 409 246 / Capital Social **Raul Manuel Tavares Pereira** (100%) / Redação Largo José Joaquim Cabecinha nº8-D, (traseiras da Av. Bento Jesus Caraça) 2910-564 Setúbal. E-mail: publicidade.semmais@mediasado.pt; Semmaisjornal@gmail.com / Telefone: 93 53 88 102 / Impressão Empresa Gráfica Funchalense, SA. Rua Capela Nossa Senhora da Conceição, 50 - Moralena 2715-029 - Pêro Pinheiro / Tiragem 20.000 (média semanal) / Reg. ICS: 123090. Depósito Legal; 123227/98 / **semmais.pt** / **f** /jornalsemmais

POLÍTICA E CULTURA
VALDEMAR SANTOS
 MILITANTE DO PCP

Dois meses, pelo menos, à prova

MARCADO PARA 27, 28 e 29 de Novembro próximos, em Loures, no Pavilhão da Paz e Amizade, o XXI Congresso do Partido Comunista Português avança nestes dias na consideração das Teses – Projecto de Resolução Política, aprovadas na reunião do Comité Central de 19 e 20 de Setembro, de carácter público uma vez que foram publicadas no Avante! de 24 a seguir e desde então disponíveis nos meios tradicionais (já se pode falar assim) on-line (e assim se escreve).

Sob o lema “Organizar Lutar Avançar, Democracia e Socialismo”, compõem-se em 72 páginas, subdivididas em quatro Capítulos (Situação Internacional, Situação Nacional, A luta de massas e a alterna-

tiva patriótica e de esquerda, O Partido), mas esmiuçadas em 35 itens, têm como objectivo fundamental a recolha de contributos dos milhares de militantes cada um por si e sempre cada um por si em Assembleias-Plenárias das organizações disseminadas no país, cuja plenitude se pode ver na Agenda do órgão central do PCP, o Avante!, (sem a pretensão de que nada escape...). Mais: uma Tribuna acolhe já considerações de membros do Partido. Eis o Centralismo Democrático, princípio estatutário indefectível do Partido Centenário (2021 está à porta, bem se podem apressar os inimigos de classe).

À força de serem consubstancialmente públicas, não pode deixar de existir a

assumpção de as fazer chegar, as Teses, a democratas não filiados no PCP, não poucos aliás compradores do tal Avante!, e desde logo assumidos em pé de igualdade no que toca ao folhear em liberdade dos assim chamados itens.

Vem isto a propósito de um deles, adrogado de Setúbal, não ter deixado de perder a oportunidade de querer contribuir com uma proposta nem tanto de alteração, mas de aditamento às Teses, na consideração do item “Justiça”. Foi encaminhada para a Comissão de Redacção, a serem aprovadas em reunião do CC já a poucos dias do Congresso, claro.

Terá isto tudo sido no XVIII? XIX? Ou antes, XVI? O camarada congressual

como delegado a primeira coisa que o motivou foi ver se a proposta do amigo tinha sido contemplada, tão agradável (termo soft) seria. Ficou um pouquinho decepcionado. Mas o tal propositor estava na bancada dos convidados, e de um delegado “sacou” o Projecto distribuído em reunião magna. Quando o congressual se lhe dirigiu, lastimando: “Companheiro, não foi tida em conta a tua opinião, tenho pena...”, o amigo quase que lhe deu pancada: “Mas que falta de cuidado é a tua? Saltou de item, está na página anterior (ou na seguinte), e assim está muito melhor!”

Vejam-se as datas, sempre foi assim: dois meses de trabalho, pelo menos. Item a item... ■

FIO DE PRUMO
JORGE SANTOS
 JORNALISTA

Vacinas

ESTAMOS NA ÉPOCA do ano em que os entendidos nos aconselham a que nos vacinemos contra a gripe e sem querer implicar com Sua Ex^a o Senhor Presidente da República achamos muito bem que para dar o exemplo tenha sido o primeiro a ser vacinado mas não podemos deixar de dizer que tínhamos ficado mais satisfeitos se o Professor Marcelo Rebelo de Sousa não tivesse permitido que o acto fosse tão mediático. Como diz o outro: “Não havia necessidade”.

Segundo já foi tornado público por in-

fluência da pandemia que está a afectar todo o mundo, a receptividade à vacina da gripe tem aumentado com destaque para os mais idosos pois instintivamente podem querer ficar mais protegidos enquanto não chega a anunciada e prometida vacina contra o Covid19.

Aceita-se, embora se recomende calma, que todos queiramos ser dos primeiros a ser atendidos nos Centros de Saúde, e com isto estamos a correr o risco de ali se formarem grandes ajuntamentos pois são conhecidas as dificuldades – e por

que não dizer impossibilidade – de sermos atendidos telefonicamente.

Todos sabemos que os serviços de saúde estão fortemente sobrecarregados e disso resulta que o medo se comesse a apoderar dos mais frágeis pois a grande carga de informação que diariamente nos “agride” com números cada vez mais altos mas que pouco nos esclarecem pois são baseados numa população que ultrapassa os dez milhões e deste número não temos noção pois os “nossos mundos” são bem mais pequenos.

E por que há vacina para muita coisa mas não há para aqueles casos em que as pessoas implicam por tudo e por nada, bom seria que na ausência desta medida preventiva tivéssemos o discernimento de não querer que tudo corra a belo desejo e muitas vezes interesse político para que no futuro possamos disso tirar benefício.

Uma coisa é certa. Mesmo com máscara, são perceptíveis as intenções de cada um dos que nos tenta convencer de que a razão é sua. ■

UM CAFÉ E DOIS DEDOS DE CONVERSA
PAULO EDSON CUNHA
 ADVOGADO

Máscaras, Mascarados, Avante, Bazucas, Jamais (leia-se Jamé) e Trumpezices

TEMOS UM GOVERNO que não age. Reage. Quando há dois meses lhe dizíamos que a Festa do Avante, para além de ser um perigo para a saúde pública, era um erro de estratégia de comunicação, de facilitismo, de favorecimento, de “dois pesos e duas medidas” o governo fez “ouvidos moucos” da advertência.

Estava mesmo a ver-se: os casos iam aumentar. Se nós sabíamos, eles também o sabiam e as medidas teriam de ser implementadas. E aí o fantasma do Avante iria pairar sobre as nossas cabeças. Como está a pairar em cada desobediência. Há até gente que temendo que nos tirem o Natal, que quer criar um movimento a substituir o nome de Natal por Ceia da Família Avante, a ver se o Governo nos permite estar com a família na ceia mais aguardada do ano...

Também estava mesmo a ver-se: as

máscaras são a maior protecção conhecida. Sim, podemos e devemos lavar as mãos. Mas como entre uma lavagem e outra vamos tocando em tudo, corremos o risco de tocarmos no vírus e daí infectar-nos ou infectarmos terceiros., logo, a medida que o governo apenas agora submeteu à AR, já o devia ter sido pelo menos a partir de 1 de Outubro. Quantos infectados e quantas vidas teríamos poupado?

Estou curioso como Ferro Rodrigues, a nossa segunda figura do Estado e Presidente da Assembleia da República viu o órgão que preside aprovar uma indumentária a que jocosamente no 25 de Abril referiu que os representantes dos órgãos de soberania não a usariam, pois não estariam mascarados. E agora manda os Portugueses mascararem-se. Sr. Presidente da AR? Ah pois é... como dizia uma outra figura, também ela caída em

desgraça (O Rei Emérito de Espanha: Por que no te Callas(te)?

Estava mesmo a ver-se: Se todos sabíamos que vinha aí a segunda vaga, como é possível termos mais de duzentos ventiladores por vistoriar? Andamos a brincar com a vida de todos nós?

A bazuca vem aí. E é a nossa esperança: Nos próximos dez anos estão previstos mais de 48 mil milhões de euros em investimentos, dos quais 25% serão canalizados para a ferrovia. O Plano Nacional de Investimentos (PNI) tornado público esta quinta-feira contempla 16 projetos ferroviários, que passam pela criação de novas linhas de metro e comboio, modernização de muitas das já existentes e ainda pela compra de mais material circulante. Pergunto: E o Metro Sul do Tejo?

Alguém se lembra dessa obra? Alguém se lembra do objectivo do mesmo?

E a terceira travessia sobre o Tejo? Seja Chelas-Barreiro, seja o túnel Algués-Trafaria...

E o reforço das travessias fluviais Cailhas-Seixal e Barreiro com Cais do Sodrê?

E a Ponte Seixal-Barreiro?

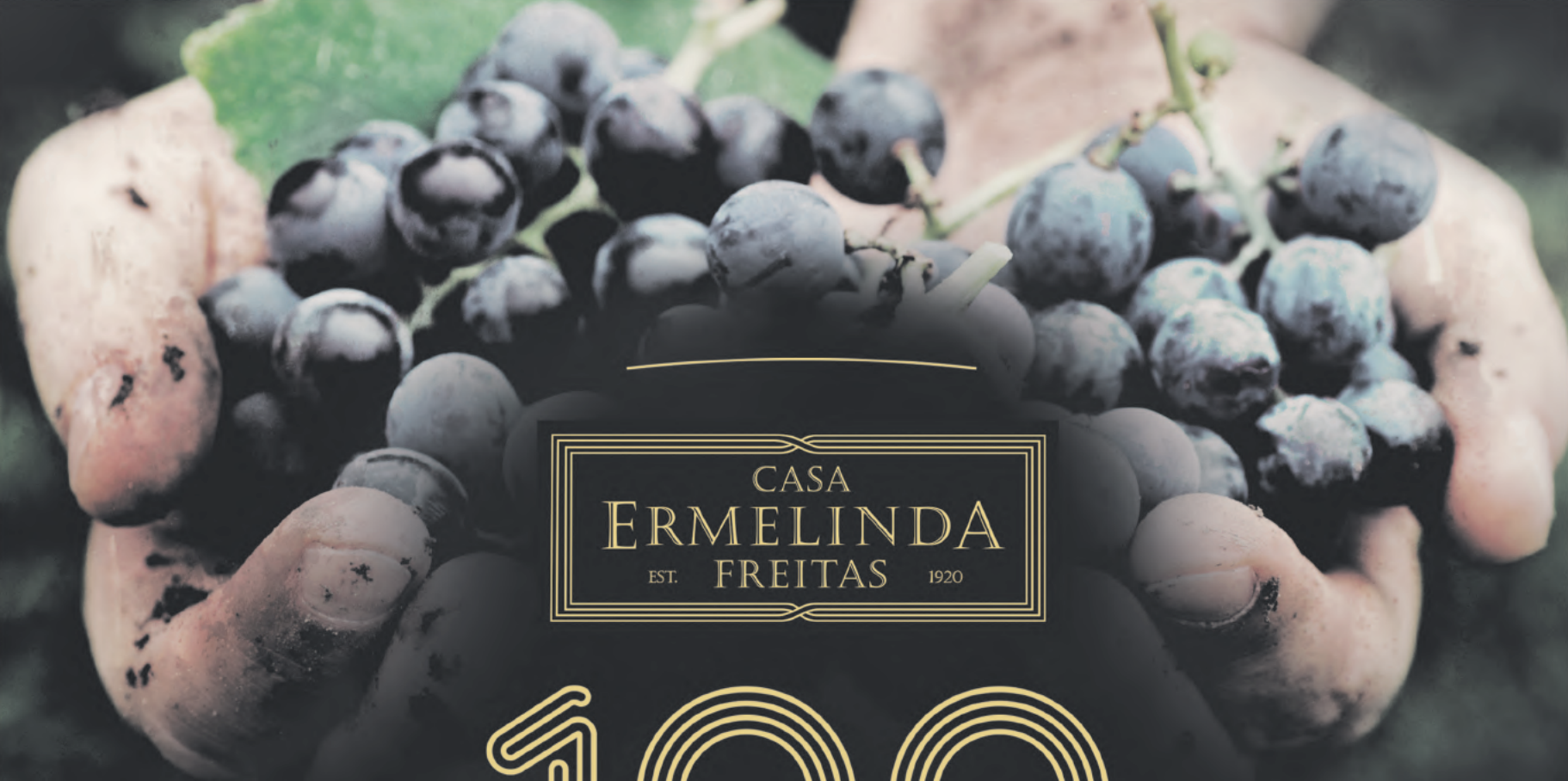
Diria que vem aí uma bazuca, mas que não vai atingir o território dos “Jamés”.

Quem devia levar com uma bazuca num lugar que eu cá sei, no próximo dia 3 de Novembro, seria Donald Trump. Podia ser que com a Bazuca ele voasse para um lado qualquer que nunca mais nos aparecesse. Uma coisa tenho a certeza: o mundo seria muito melhor sem este personagem. Da OMS aos acordos sobre condições climáticas, estou certo que todas essas organizações prosperarão mais e melhor se ele levar com essa bazuca. Rezemos... ■

DIGITAL

**sem
mais**

**Somos informação
segura e confirmada.**
OBRIGADO PELA CONFIANÇA



CASA
ERMELINDA
EST. FREITAS 1920

1920 100 2020

A N O S
Y E A R S

VINHAS & VINHOS
VINES & WINES
PORTUGAL

DAS MELHORES UVAS NASCEM OS MELHORES VINHOS.
FROM THE FINEST GRAPES COMES THE FINEST WINES.

SEJA RESPONSÁVEL. BEBA COM MODERAÇÃO.



WWW.ERMELINDAFREITAS.PT

